

**INDEPENDÊNCIA OU CUMPLICIDADE
DA LÍNGUA E DA HISTÓRIA:
EIS UM BRADO DE UM SUJEITO AGENTE OU PACIENTE?**

Geane Lopes Francisco Araújo (UEMS)
geanefran@hotmail.com

Miguél Eugenio de Almeida (UEMS)
mealmeida_99@yahoo.com.br

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo abordar a importância da língua, principalmente no aspecto cultural, social e de identidade de uma comunidade e também permear o significativo papel da história nesse contexto, e para tanto, embasamo-nos em uma pesquisa bibliográfica. Nesse estudo, pretende-se abordar as duas vertentes de maneira a esclarecer o papel que cada uma exerce na sociedade, abordando pontos em comuns, contraditórios, mas principalmente, enfatizar o quanto ambos são fundamentais para que o ser humano construa a sua identidade, a sua língua e a sua história em seu percurso na vida.

Palavras-chave: Língua. Homem. Ação. História.

1. Considerações iniciais

Fazer parte de um povo, exercer uma atitude racional através do signo linguístico e sua decodificação é um processo longo, contínuo e histórico, visto que a língua retrata não apenas a realidade daquele momento, mas está correlacionada a fatores históricos da sociedade que a fala.

Como sabemos "tudo" sofre alterações, mudanças no decorrer dos anos, e a língua não é um caso à parte, pois sendo algo tão real é considerada viva, e dessa forma, não é uniforme, ao contrário, sofre influência cultural, social, econômica que se interligam por meio da história e se registram de forma escrita e oral pela língua.

No âmbito da linguística, o pesquisador da área tem um campo vasto, pois esses fenômenos influenciam a língua, portanto, conhecer, identificar e analisar as mudanças que ocorrem à medida que o tempo passa é a fonte dos estudos da linguística histórica.

Vale ressaltar que não é qualquer transformação ou diferença que caracteriza uma mudança linguística, pois muitas vezes são apenas características da fala que retratam regionalismos, sotaques e dialetos próprios

de um determinado lugar, assim, não é um exemplo de mudança, mas de variação que emergem da heterogeneidade da língua, como orienta Faraco (2005, p. 23): “nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação”.

No entanto, é importante esclarecer que uma variação pode se tornar uma mudança e o fator determinante neste processo é a regularidade.

A língua apresenta variações até que se torne regular, e para que haja uma comprovação, é necessário fazer uma descrição e explicação de como ocorreu essa mudança. É semelhante a uma pessoa que varia o cardápio até que defina o seu prato preferido, isso é claro, até que ele enjoe, pois essa escolha não é definitiva, em algum momento esse processo acontecerá novamente, conforme nos pontua Faraco (2005, p. 51): “embora a regularidade seja uma característica da mudança linguística, ela nunca deve ser entendida como absoluta”.

Assim acontece com a língua, o pesquisador da historiografia linguística fará uma busca sobre determinada época, onde estudará a dimensão interna da língua, em sua própria estrutura, para fundamentar como se desenvolveu a cognição linguística, estabelecendo comparações entre os elementos gramaticais ocorridos.

A dimensão externa é a parte em que se considera o contexto social, histórico e político que influenciaram este falante no período pertinente à época em estudo, considerando que a fala ou a escrita utilizada, principalmente esta última, registra a língua como é utilizada e isso se comprova por meio de documentos históricos.

Identificar essas transformações da língua não é tão fácil, pois os falantes não as percebem e isto se deve ao fato de que as mudanças não surgem repentinamente, pelo contrário, elas vão ocorrendo gradativamente até que se sobrepõem às variações, atingem uma parte para depois atingir o todo.

É o que se verifica nesta afirmação acerca das características da mudança e sobre os estados “variável ou invariável” da língua:

(...) cada estado de língua, definível no presente ou em qualquer ponto do passado, é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico; do mesmo modo que, em cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes. (FARACO, 2005, p. 45)

A princípio essas mudanças ocorrem na fala, depois se efetivam na escrita, e os falantes mais jovens são determinantes nesse processo, o

que se torna mais uma barreira à autenticidade da língua, pois a juventude é vista como impulsiva, o que caracteriza uma grande resistência.

Saussure é considerado o fundador da linguística estrutural por defender, em seu *Curso de Linguística Geral*, que a língua deve ser estudada apenas em sua estrutura, porém, estabeleceu dois vieses de estudos, a sincronia e a diacronia.

“A linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”. (1970, p. 271)

A diacronia, também chamada de histórica, tem como objetivo as mudanças por que passa a língua no tempo, enquanto que a sincronia, chamada de estática, pesquisa as características da língua apresentadas num determinado tempo.

Ainda nesse aspecto, o estudioso pode se orientar sob três vias para realizar seu estudo linguístico, voltar no passado e nele se concentrar, voltar ao passado para iluminar o presente ou estudar o presente para iluminar o passado. Essas diretrizes partem de pontos distintos e se assemelham no processo comparativo que é o princípio para a comprovação das suposições e também dos fatos.

Sendo assim, pode-se fazer um estudo linguístico estático ou abrangente, entretanto, é imprescindível que o pesquisador reconheça dois fatores primordiais que tornam a língua autêntica, a heterogeneidade e a instabilidade, pois em se tratando de linguagem e língua, nada é estático e permanente.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

Vimos que na mudança, a diversidade linguística é parte da língua, contudo isso se dá de forma lenta, gradual e contínua, ou seja, esse fenômeno é notável, apenas quando passa a ser muito falado e acaba sendo incorporado linguisticamente, primeiro na forma oral e depois na escrita.

Saussure (1970), linguista suíço considerado o fundador da linguística estrutural, acreditava possível estudar a história da língua sem conhecer as circunstâncias na qual ela se desenvolveu, porém, Faraco (2005, p. 58) afirma que não devemos estudar os fenômenos separadamente, mas contextualizá-los no encaixamento estrutural e social: “(...) não devemos estudar os fenômenos isoladamente: é preciso sempre abor-

dá-los no conjunto de outros fatos da história da língua, e até mesmo da subfamília ou da família a que ela pertence.”

Como se nota, há várias ideologias sobre esses estudos, o que o faz ainda mais significativo, visto que uma teoria contribui para a outra, tornando a linguística e a história uma área tão essencial à compreensão não apenas da língua, mas da existência humana.

Um estudo de uma língua verdadeiramente autêntico deve realizar uma busca não apenas na língua em estudo, mas nas línguas interligadas para comprovação dos fatos. No caso da língua portuguesa é primordial que isso se inicie do latim, pois apesar de muitos acharem que já é uma língua morta, é necessário uma sondagem, um acompanhamento dessas transformações, pois o latim é a base não só para a língua portuguesa, mas para muitas outras línguas.

No século XIX, linguistas criaram um método comparativo entre as línguas distantes no espaço como o latim e o sânscrito, constatando por meio de relações sistemáticas, semelhanças entre as línguas, tornando-se um grandioso estudo.

Jacob Grimm, um dos irmãos que ficaram famosos como contadores de histórias infantis tradicionais estudou o ramo germânico das línguas indo-europeias e tinha dados de catorze séculos para análise comparativa, estabelecendo assim uma sucessão histórica, denominando como gramática ou linguística histórico-comparativa.

Toda descoberta, todo avanço realizado pelo ser humano não fica apenas na fala. O homem desde a sua origem utiliza de imagens, de registros como a escrita para preservar seus conhecimentos e isso fica sob a responsabilidade da língua, um mecanismo comunicativo formado por fala e escrita.

A língua não é algo imaginário, surreal, mas algo real, concreto. Apesar de seu grande valor, ela só existe mediante ao falante, seja de forma oral, escrita ou até mesmo mediante a língua por sinais, tudo isso se concretiza por meio do falante, usuário da língua.

Se o homem é o falante da língua, a língua corresponde a um código que o difere dos outros seres. A trajetória do homem, de sua espécie e de sua comunidade faz a história, por isso não podemos estudar a língua sem estudar a história, pois ambas estabelecem uma relação mútua, de completude, enriquecendo cada vez mais os estudos linguísticos, filológicos e conseqüentemente, a história.

Segundo Bakhtin (1992), a linguagem permeia toda a vida social e preenche nela um papel central de formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos, sendo assim podemos complementar que a língua é capaz de formar a identidade de uma pessoa, bem como de uma sociedade, carregando além da escrita, traços culturais, pessoais e a própria história individualizada ou coletiva, de determinada comunidade ou região.

Nesse aspecto, convém mencionar o caso da palavra mandioca que é mais usada na região Centro-Oeste, macaxeira ou aipim na região Nordeste, que além de transmitir um signo linguístico, semanticamente representa algo comum, conhecido às pessoas do lugar e portanto, transmite de certa forma a cultura, a origem e a história de um povo. É o que se verifica na citação de Pereira (2007): “A língua que usamos revela o que somos (...) está na música, na arte, no trabalho, na política, em toda a cultura (...)”.

Não dá para desvincular a língua da história, pois cada um tem a sua importância, apesar de parecer algo tão distinto, há mais pontos em comuns do que controvérsias, visto que desempenham um papel social, cultural e identitário.

Mesmo que considerássemos que a língua fosse apenas um código linguístico e que a história somente os acontecimentos, não poderíamos e nem podemos negar que os dois estão em transformações, pois cada época tem sua realidade, sua instabilidade e um constante movimento.

Na história ou na escrita, portanto, os estudos linguísticos e históricos não podem ser dados como prontos e inacabados. A língua pode ser estudada também como parte da história, até mesmo as suas alterações, mudanças que ocorrem em relação ao tempo, pois isto é natural do sistema linguístico, o que garante a contemporaneidade.

Isso ocorre também com a história, estuda-se o passado como um processo, uma busca para se entender o presente, garantindo assim a todas as gerações o direito ao conhecimento de épocas, aos acontecimentos passados e atuais, até para que o ser humano consiga se descobrir como um “eu” que integra esse processo, essa história, como afirma Marcuschi (2000): “A língua é uma atividade de natureza sociocognitiva, histórica situacionalmente desenvolvida para promover a interação humana”.

Estabelecendo um paralelo entre a história e a língua, notamos que a primeira se constrói através dos acontecimentos e os estudos das línguas utilizam a história como reconstrução do passado, estudam o pas-

sado como forma de entender o presente e estudam o presente para elucidar o passado.

Nesse ponto, é importantíssimo esclarecer a diferença entre linguística histórica e história da linguística. Carlos Alberto Faraco (2005, p. 13) conceitua a primeira como disciplina responsável pelos estudos das mudanças que ocorrem nas línguas humanas à medida que o tempo passa, e a segunda como estudo da história de uma ciência, recuperando suas origens e seu desenvolvimento no tempo.

Podemos elucidar essa consideração apontando as fotografias como uma forma de registro da história, no entanto, a imagem não é capaz de contar, detalhar, comparar, enfim, transmitir o que compõe aquele momento.

Já a língua apresentada em sua forma oral pode descrever, minuciar, entonar, enquanto que a língua escrita, pela simples construção da letra, da sílaba, da frase, de um enunciado ou de um texto, demonstra singela ou ricamente o tamanho de sua importância.

3. Considerações finais

Não se pode negar que há diferenças relacionadas ao conceito de língua e de história, porém, fica claro que ambos desempenham um papel social e que apresentam uma relação mútua, de completude, ora sendo um sujeito agente, desempenhando a sua função literalmente de instrumento comunicativo, ora sendo paciente, sofrendo influências do outro.

A história se construirá com o passar dos anos e a língua registrará esses momentos, enfim, não há história sem a língua e nem a língua sem a história, pois nada é por acaso, até a língua tem a história, sua trajetória, seu contexto.

Essa parceria é fundamental na construção da existência humana, e como já abordarmos, esse processo felizmente é contínuo, garantindo assim as gerações atuais e futuras que usufruam desses conhecimentos, conheça a história de sua espécie, de seu povo e de sua língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad.: Michel Lahud e Yara F. Vieira. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BAKHTIN, M. Discourse in the novel 1934-35. In: _____. *Dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981, p. 259-422.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

LABOV, W. *Principles of Linguist Change*. V. 1: Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *O papel da linguística no ensino de língua*. Conferência pronunciada no 1º Encontro de Estudos Linguístico-Culturais da UFPE, Recife, 12 de dezembro de 2000.

PEREIRA JR, L. C. *Sobre a Revista Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/sobre_revista.asp>. Acesso em: 15-02-2008.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

TARALO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1981.